Como era gostoso Hans Staden: um livro para devorar

Eduardo Bueno

Erguido nos confins da ilha de Santo Amaro, na pequena escarpa rochosa junto a qual as águas verde-escuras do canal de Bertioga se misturavam ao azul translúcido do Atlântico, o pequeno forte de São Felipe era o último entreposto militar da América portuguesa. Fora construído nas cercanias da fronteira, ainda indefinida, entre as possessões lusas e espanholas nas lonjuras meridionais do Brasil, e também no exato local onde se confrontavam os limites dos territórios tribais de dois grupos indígenas rivais: os tamoios e os tupiniquins. Aliados dos franceses, os tamoios moviam guerra sem trégua contra os tupiniquins, aliados dos portugueses.

O fortim não era apenas remoto mas perigoso e inseguro, já que a principal rota das incursões dos tamoios contra o nascente vilarejo de São Vicente, no litoral sul de São Paulo, era através do sinuoso e verdejante canal da Bertioga. A floresta majestosa, cheia de vida e cor; o rugido difuso das cachoeiras, as praias virgens de areias faiscantes, os rios explosivamente piscosos, as pequenas ilhotas pontilhando o fecundo emaranhado do mangue, tingidas de escarlate pela plumagem vistosa de imensos bandos de guarás – nada era atrativo suficiente para que soldados portugueses se dispusessem a sentar praça entre as frágeis muralhas de pedra e cal do recém-inaugurado forte de São Felipe da Bertioga. O encargo acabou recaindo no mercenário alemão Hans Staden.

Staden, um jovem aventureiro na casa dos 20 e poucos anos de idade, fora dar com os costados em São Vicente após uma seqüência assombrosamente desafortunada de naufrágios e motins. Era a segunda vez que vinha ao Brasil.

Diferentemente da primeira, chegara a bordo de um navio espanhol, integrante da frota comandada por Diego de Sanabria, cujo objetivo era a fundação de pelo menos duas vilas castelhanas no litoral sul do Brasil. Nada poderia contrariar mais frontalmente os interesses lusitanos na região. Por isso, mesmo tendo prestado auxílio aos náufragos, o governador Tomé de Sousa tratou de prender os sobreviventes tão logo os recolheu de sua desdita nas praias varridas pelos ventos de Santa Catarina – local do desastre –, ou os encontrou, famintos e aos farrapos, perambulando pelas ruas embarradas de São Vicente.

Mas além de o alemão Staden não ter maiores vínculos com os espanhóis, ainda possuía experiência como bombardeiro, artilheiro e arcabuzeiro – e o governador concluiu que ele poderia lhe ser útil. E foi assim que Staden acabou indo parar no fortim de Bertioga (corruptela de "buriqui-oca" – ou "morada dos macacos", em tupi). E foi ali que os tamoios o capturaram. E foi então que sua vida mudou para sempre. E foi deste modo que esse relato nasceu.

Está tudo aqui. Ação, aventura e história, conjugadas como sempre deveriam estar. Antropologia e antropofagia; sangue e pólvora. Cenários luxuriantes, conflitos tribais, expansão colonial, guerreiros emplumados, piratas franceses, fé e ceticismo; desamparo e esperança; lealdade e perfídia. Tudo narrado pela ótica de um homem comum, um forasteiro – um estrangeiro em um mundo estranho. A visão de um mero mercenário, um soldado da fortuna, que, ao circular entre líderes como o capitão espanhol Juan Salazar, o comandante português Tomé de Sousa, os jesuítas Manoel da Nóbrega e José de Anchieta e os chefes tribais Cunhambebe e Aimberê, tornou-se, literalmente, testemunha ocular da história – e justo no momento em que o Brasil colônia ainda se retorcia nas dores do parto. O nascimento de uma nação; o ocaso e a agonia de povos em vias de extinção: está mesmo tudo aqui, em linguagem de dia de semana, nas páginas vibrantes desse pequeno livro.

Livrinho que, não por acaso, se tornou *best-seller* desde o dia em que deixou a prensa alemã, em Marburgo,

"na terça-feira de carnaval de 1557", como registra o prefácio original, não por acaso nos arredores de onde Gutemberg inventara os tipos móveis; não por acaso publicado em meio à enxurrada de textos lançados pelos reformistas luteranos em seu proselitismo militante; não por acaso escrito por um *ghost writer*; não por acaso pirateado já em sua segunda edição; não por acaso fartamente ilustrado. E muito menos por acaso, lançado sob o impactante título de *História Verídica e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no Novo Mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen até os dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria, e que agora traz a público com essa impressão.*

O notável é que os méritos da narrativa de Staden são tão superlativos quanto os dizeres sensacionalistas que o anunciam. Talvez o maior deles seja oferecer – e não só aos estarrecidos leitores europeus do século XVI, mas também a nós, leitores de um cético e cínico terceiro milênio – a mais acurada e impressionante descrição do banquete antropofágico, aquele "festim canibal" tão característico dos povos Tupi, cujo prato principal era a deglutição eucarística do adversário e o sacramento único, a consumação de uma vingança ancestral. Passados quase cinco séculos da narrativa, o depoimento de Staden ainda se impõe como a fonte primária mais confiável para o estudo do canibalismo ritual – e o impacto da descrição se mantém inalterado. Pode-se supor a avidez com que o texto terá sido, digamos, devorado na Europa renascentista.

Na verdade, não é preciso supor: sabe-se que *História Verídica* teve nada menos que dez reedições em cinco anos, sendo rapidamente traduzida para o holandês (1558), para o latim (1559) e para o flamengo (1560), bem como para o inglês e o francês. Até o século XVIII, já se contavam mais de 70 edições da obra. O livro, no entanto, não foi escrito pelo próprio Staden, que, embora não fosse analfabeto de pai e mãe, com certeza era pouco letrado. O texto é obra de um certo doutor Dryander, alemão estudioso de "matemá-

tica e cosmografia" e autor do prefácio original, no qual, aliás, confirma que de fato "reviu, corrigiu e, quando necessário, aperfeiçoou" o original.

Já as xilogravuras que ilustram – e tanto enriquecem – o texto, essas teriam sido produzidas a partir de desenhos feitos diretamente pelo jovem Hans, ou, quando menos, sob sua orientação. Com certeza, pagas por ele o foram, se é verdade o que afirma o douto doutor Dryander. Tão impressionantes e detalhistas eram as imagens que, anos mais tarde, seriam refeitas pelo consagrado gravador flamengo Theodor de Bry, transformando-se então em cenas ainda mais perturbadoras, exalando um fascínio que flerta com a morbidez. A versão com as gravuras de Bry, publicada em Frankfurt, em 1592, espantou e extasiou a Europa letrada daquele fim de século.

Mas a fortuna crítica e a consagração popular de *História Verídica* não se repetiram no Brasil – pelo menos não de início. Embora tenha servido de fonte e inspiração tanto para os apocalípticos poemas de Gonçalves Dias como para os romances algo açucarados de José de Alencar, o livro só foi traduzido para o português em 1892 – e mal. O chefe de polícia, desembargador e ministro cearense Tristão de Alencar Araripe publicou, em tomo especial da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma versão coalhada de erros – nem todos dele, muitos da tradução francesa na qual se baseou. Nem as notas de Richard Francis Burton, o príncipe dos viajantes ingleses, que fora cônsul britânico em Santos (SP) e conhecia bem a região, salvam a obra.

Foi preciso esperar mais oito anos pela primeira edição confiável, publicada às expensas do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Traduzida pelo botânico suíço Albert Löfgren, direto do original alemão de 1557, e com caudalosas notas do geógrafo e gênio baiano Theodoro Sampaio, o livro, lançado em janeiro de 1900, iria deflagrar a crescente influência da narrativa de Staden sobre a intelectualidade brasileira. E isso desde o começo, pois o exemplar utilizado por Löfgren fora adquirido em um antiquário parisiense pelo intelectual e milionário Eduardo Prado, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Eduardo Prado era tio de Paulo Prado, também milionário e mentor da Semana de Arte Moderna de 1922, que, desde a juventude, era apaixonado pelo livro de Staden. Foi Prado quem, não por acaso, apresentou a obra aos poetas Raul Bopp e Oswald de Andrade, e à pintora Tarsila do Amaral, mulher de Oswald. Teria sido a partir do relato de Staden – quase que por causa de uma frase específica dele: "Lá vem sua comida pulando", que o desafortunado prisioneiro foi obrigado a dizer tão logo seu captor o conduziu, amarrado e aos saltos, para o centro da aldeia tupinambá de Ubatuba – que Tarsila teria decidido pintar o *Abaporu* ("O Comedor de gente", em tupi) e Oswald encontrou a inspiração para deflagrar o Movimento Antropofágico.

Monteiro Lobato, que, de início, revelou-se um crítico feroz dos apetites modernistas, também se rendeu aos encantos do livro – e diluiu-o, como a tantos, em uma versão infantil, publicada em outubro de 1925, sob o título de *Meu cativeiro entre os selvagens do Brasil*, no qual as atribulações do arcabuzeiro alemão no litoral brasileiro são narradas na voz de Dona Benta. Está certo que, dois anos depois do aperitivo, Lobato lançou, pela mesma Companhia Editora Nacional, as *Aventuras de Hans Staden* – versão menos modificada da obra, mas ainda assim mera adaptação.

No prefácio, Monteiro tratou de se justificar:

> As aventuras de Robinson Crusoé constituem talvez o mais popular livro do mundo. Da mesma categoria são estas de Hans Staden. Se as de Robinson tiveram a divulgação conhecida, proveio de passarem às mãos das crianças em adaptações conforme a idade, e sempre remoçadas no estilo, de acordo com os tempos. Com as de Staden tal não sucedeu – e em conseqüência foram esquecidas. Quem lê hoje, ou pode ler, o livro de Defoe na forma primitiva em que apareceu? Os eruditos. Também só os eruditos arrostam hoje a leitura do original das aventuras de Staden. Traduzidas ambas, porém, em harmonia moderna, toante com o gosto do momento, emparelham-se em pitoresco, interesse humano e lição moral. Equivalem-se. Anos

> atrás tivemos a idéia de extrair do quase incompreensível e indigesto original de Staden esta versão para as crianças – e a acolhida que teve a primeira edição, bastante larga, leva-nos a dar a segunda.

O fato é que mais de 40 anos se passariam desde a edição traduzida por Löfgren antes que *História Verídica* – que de "indigesta" nada tinha, além de cenas, digamos, mais temperadas – enfim ganhasse nova tradução e novas notas. O sucesso deu-se em 1941, sob os auspícios do Instituto Hans Staden (hoje Instituto Martius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão). O poeta Karl Fouquet atualizou o texto original da edição de 1557 e Guiomar de Carvalho Franco o traduziu. Embora vetusta e excessivamente literal, a tradução foi considerada a melhor por especialistas do porte de José Honório Rodrigues. Mas o elogio se deve mais às notas e à introdução assinadas por Francisco de Assis Carvalho Franco, que contextualizam o livro no bojo da malfadada expedição de Sanabria, relacionando as perambulações de Staden com os episódios ocorridos durante a viagem de inspeção do governador Tomé de Sousa às chamadas "capitanias de baixo" (dentre as quais se incluía São Vicente) e que constituem um momento-chave no processo de formação territorial do Brasil.

No mesmo ano em que a edição do Instituto era publicada, Cândido Portinari produzia 26 gravuras inspiradas nas xilogravuras originais de Staden. Mas elas levariam mais de meio século até enfim virem a público, o que só ocorreu em 1998, no livro de arte *Portinari devora Hans Staden* (Editora Terceiro Nome). Não por acaso, Portinari e os modernistas influenciaram os criadores do Cinema Novo e, em 1971, Nelson Pereira dos Santos, um dos mentores daquele movimento, dirigiu-se a uma Ubatuba ainda quase tão selvagem e intocada quanto nos tempos de Staden para lá dirigir o clássico *Como era gostoso meu francês*, no qual fundiu antropofagia literal com antropofagia cultural em um mesmo e borbulhante caldeirão.

Mas, como o roteiro se baseia também no relato do

pastor calvinista Jean de Léry (que chegou ao Rio de Janeiro em 1557, no mesmo ano em que Hans lançava seu livro em Marburgo), o filme de Nelson Pereira do Santos não se revelou tão fiel à obra original como aquele que Luiz Alberto Pereira realizou em 1999. Em *Hans Staden*, Pereira recria, com minúcias naturalistas e extraordinária precisão etnográfica, toda a trajetória do, a princípio azarado e ao fim e ao cabo sortudo, soldado da fortuna em suas veredas e venturas. Atraiu assim, em especial por meio do DVD, a atenção de uma platéia mais ampla para as desventuras em série do alemão que escapou de ser comido.

O Brasil não alimenta sua própria mitologia histórica. Se o fizesse, Hans Staden seria, se não um herói, quando menos um personagem presente no nosso cotidiano, desde os bancos escolares até às viagens "ecológicas" e de turismo de aventura pelas praias "selvagens" do litoral da Rio-Santos. Em vez disso, seu livro sobrevive de pequenos bocados, lançados aqui e ali – até essa reedição, cuja tradução, assinada por Angel Bojadsen, enfim recupera o tom deliciosamente coloquial do original de 1557, o que afinal nos permite "dialogar" com o jovem aventureiro que, tal e qual Robinson Crusoé, fugiu de casa em busca de ação e quase virou repasto.

Enquanto isso, o forte de São Felipe da Bertioga segue gotejando seu suor de pedras sob o sol do trópico, despencando aos cacos, em uma paisagem desfigurada que não guarda resquícios dos imensos bandos de guarás de plumagem flamante, nem ecoa os ruídos dos bravos guerreiros vestidos com suas penas, e onde os imensos cardumes de paratis deram lugar a um enxame de *jet-skis* impertinentes como mosquitos e turistas engarrafados em busca de improvável descanso, enquanto nuvens negras exaladas em Cubatão viajam pesadas, sobre a serra, se adensando em Ubatuba – a "Ubachuva" de tantas frustrações de fim de férias e o lugar onde Staden renasceu sem ter morrido.

Está tudo aqui, nesse livrinho: caos e canibalismo – já que a história sempre se repete, como farsa ou como tragédia, para aqueles que não conhecem a própria história.